

**A (re)construção da imagem corporal no processo de  
envelhecimento da mulher de meia idade sob a luz da psicanálise**

**The (re)construction of body image in the aging process of  
middle-aged women in the light of psychoanalysis**

**La (re)construcción de la imagen corporal en el proceso de  
envejecimiento de mujeres de media edad a la luz del psicoanálisis**

Josiane Pedra

Aluna concluinte do curso de Psicologia  
Centro Universitário UNA -Barreiro  
josicapedra@gmail.com

Leny Nunes Louzada Dutra

Aluna concluinte do curso de Psicologia  
Centro Universitário UNA – Barreiro  
lenydutra.1835@aluno.una.br

Pamela Fernandes Torres Vilela

Aluna concluinte do curso de Psicologia  
Centro Universitário UNA – Barreiro  
pamelafernandestorres@gmail.com

Thayná Barbosa Moura Augustinho

Aluna concluinte do curso de Psicologia  
Centro Universitário UNA – Barreiro  
thaynabarbosa43@gmail.com

Túlio Louchard Picinini Texeira, MSc.

Professor orientador

Centro Universitário UNA - Barreiro  
tulio.texeira@prof.una.br

**A (re)construção da imagem corporal no processo de envelhecimento da mulher de meia idade sob a luz da psicanálise**

**The (re)construction of body image in the aging process of middle-aged women in the light of psychoanalysis**

**La (re)construcción de la imagen corporal en el proceso de envejecimiento de mujeres de media edad a la luz del psicoanálisis**

**Resumo**

O presente artigo é fruto de um trabalho de conclusão de curso que tem como objetivo compreender as implicações subjetivas e sociais do processo de envelhecimento feminino. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, que procurou desvendar o processo de subjetivação diante desse envelhecer, convidando o leitor para a reflexão sobre como o envelhecer, principalmente diante das expectativas estruturais relacionadas ao corpo feminino, foi e ainda é abordado nas mídias e, atualmente, nas redes sociais. Para melhor compreensão dos significantes do envelhecimento feminino, recorreu-se a autoras como Beauvoir e Mucida, se atentando para o corpo feminino envelhecido e suas conotações negativas. A ótica psicanalista permitiu acessar a construção interna da mulher envelhecida, a idealização do Eu e a construção identitária dessas mulheres, que é influenciada e mediada pela cultura e atualmente marcada pelo culto da “juventude eterna”.

**Palavras-chave:** Mulheres; Envelhecimento; Redes sociais; Psicanálise

**Abstract**

This article is the result of an undergraduate thesis that aims to understand the subjective and social implications of the female aging process. This is a bibliographic review research, which sought to unravel the process of subjectivation in the face of aging, inviting the reader to reflect on how aging, especially in the face of expectations related to the female body, was and still is addressed in the media and currently on social media. For a better understanding of the signifiers of female aging, authors such as Beauvoir and Mucida were analysed, paying attention to the aging female body and its negative connotations. The psychoanalytic perspective allowed access to the internal construction of the aging woman, the idealization

of the Self and the identity construction of these women, which is influenced and mediated by the culture and currently marked by the cult of “eternal youth”.

**Key words:** Women; Aging; Social media; Psychoanalysis

### **Resumen**

Este artículo es el resultado de un trabajo de finalización de curso que tiene como objetivo comprender las implicaciones subjetivas y sociales del proceso de envejecimiento femenino. Se trata de una investigación de revisión bibliográfica, que buscó desentrañar el proceso de subjetivación frente al envejecimiento, invitando al lector a reflexionar sobre cómo el envejecimiento, especialmente frente a las expectativas estructurales relacionadas con el cuerpo femenino, fue y sigue siendo abordado en los medios de comunicación y actualmente en las redes sociales. Para una mejor comprensión de los significantes del envejecimiento femenino, se consultó a autores como Beauvoir y Mucida, prestando atención al cuerpo femenino envejecido y sus connotaciones negativas. La perspectiva psicoanalista permitió acceder a la construcción interna de la mujer anciana, la idealización del Yo y la construcción identitaria de estas mujeres, la cual está influida y mediada por la cultura y actualmente marcada por el culto a la “eterna juventud”.

**Palabras clave:** Mujeres; Envejecimiento; Redes sociales; Psicoanálisis

### **Introdução**

O Brasil é um jovem país de cabelos brancos. A cada ano, 650 mil novos idosos fazem parte desta população brasileira. O número de idosos passou de 3 milhões em 1960, para 7 milhões em 1975 e 17 milhões em 2006 – um aumento de 600% em menos de cinquenta anos (Veras, 2007). Nessa transformação populacional, as mulheres são a maioria. Isto é conhecido, na literatura, como feminização da velhice, ou seja, uma população envelhecida em que as mulheres são muito mais numerosas que os homens (Maximiliano-Barreto, Andrade, Campos, Portes & Generoso, 2019).

O envelhecimento é um processo natural, contínuo e irreversível, controlado por fatores genéticos, ambientais e de estilo de vida, que afeta a vida do indivíduo. Ao longo do tempo,

os adultos experimentam várias alterações físicas, emocionais e sociais, desafiando seu senso de identidade e autoestima. Porém, em nossa cultura, valoriza-se a juventude, pois são exibidos estereótipos que silenciam a velhice e discriminam o declínio da força física (Bastos, Xavier, Espósito, Ferreira, Costa & Montiel, 2022).

A discriminação e a invisibilidade daquele que envelhece, o processo de (re)construção da autoimagem, a influência das redes sociais na percepção e nos afetos das mulheres de meia-idade podem ser considerados os elementos motivadores do presente estudo. Além da motivação aqui descrita vale também destacar a curiosidade de suas autoras à respeito do processo que as esperam como futuras idosas. Assim, o que se propõe nesta pesquisa é uma reflexão à luz da psicanálise sobre o envelhecimento feminino e sua imagem corporal.

Para tanto, como metodologia da pesquisa, inicialmente foram levantados livros de autores clássicos que abordam o tema envelhecimento e em seguida recorreu-se à bases de dados, como Scielo, Lilacs, Biblioteca Digital de Teses, Dissertações e Periódicos Capes e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Neste percurso, percebeu-se que a literatura tem descrito que as pessoas, ao envelhecer, experimentam mudanças físicas gradualmente, resultando em uma divergência entre o que desejam e a realidade, ou seja, como realmente sua imagem se apresenta. Couto (2021) ressalta que o processo de envelhecimento e o modo como o sujeito vê o próprio corpo são princípios peculiares do desenvolvimento humano que mudam de maneira progressiva ao longo da vida, influenciados tanto por fatores inerentes a cada indivíduo quanto por fatores externos. Neri (2013) defende que envelhecer é um fenômeno subjetivo e individual, pois, cada um enfrenta essa etapa da vida de forma diferente, visto que cada sujeito é produto da interação entre o contexto social, histórico e cultural.

A relevância desta pesquisa está na preocupação especificamente com os aspectos psicológicos das mulheres brasileiras que enfrentam a pressão de serem “perfeitas” e “jovens” a todo custo. Imagens de mulheres perfeitas vistas nas redes sociais podem servir como padrão para as mulheres, podendo levar à comparação e, conseqüentemente à insegurança e tristeza de envelhecer.

Finalmente, busca-se compreender o processo de (re)construção da autoimagem dessas protagonistas, refletindo sobre como elas lidam com essa experiência e desafio do envelhecimento e com as pressões sociais. A compreensão desses fatores pode ajudar à essas futuras idosas a construir uma imagem positiva e saudável e à outras mulheres que irão vivenciar o mesmo processo.

### **Imagem corporal e o processo de envelhecimento**

Uma das características mais marcantes da atual dinâmica demográfica mundial é o processo de envelhecimento (Alves, 2019). Com a população de idosos crescendo significativamente desde 2012, a projeção é de que essa tendência continue invertendo a pirâmide populacional no Brasil (Paradella, 2018). As transformações demográficas vêm sendo notadas e as mulheres são maioria expressiva nesse grupo da chamada terceira idade, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões, ou seja, 44% desse público (Agência..., 2018). Nota-se que a população idosa feminina sobressai no processo de envelhecimento, ocorrendo a já citada feminização da velhice (Maxmimiano-Barreto *et al*, 2019).

No Brasil, são considerados idosos, de acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa, lei nº 10.741, de 1.º de outubro de 2003, art. 1.º, pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos

(Brasil, 2003). Estima-se que a quantidade de idosos no país aumentará mais rápido do que a média internacional, sendo que o número de idosos no mundo duplicará até o ano de 2050 (Ferreira, Maciel, Costa, Silva & Moreira, 2012; Kalache; Veras; Ramos, 1987). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Rodrigues, 2022), no país, em 2021, pessoas com 60 anos ou mais representavam 14,7% da população. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), isto significa um contingente de 31,23 milhões de pessoas neste grupo etário, aumento que corresponde ao crescimento de 39,8% em nove anos, de 2012 a 2021. (Rodrigues, 2022). Entretanto, Schneider e Irigaray (2008) ressaltam que esta definição de idoso não considera as condições e capacidades biológicas, psicológicas e sociais, pois o conceito de idade é multidimensional, não sendo somente a passagem dos anos uma boa medida do desenvolvimento humano. Desta forma, o processo de envelhecimento ultrapassa as reflexões acerca da idade cronológica.

Para Skopinski, Resende e Schneider (2015), o envelhecimento está relacionado às mudanças físicas e psicológicas. No aspecto físico, tanto homens como mulheres ganham peso até o final da meia-idade, há uma diminuição da água corporal total que resultará na diminuição da flexibilidade e da força muscular. Além das mudanças físicas, há mudanças como a gordura abdominal que pode trazer implicações à saúde, afetando também a imagem corporal. As referidas autoras esclarecem que as mulheres, ao longo do ciclo vital, supostamente influenciadas por fatores culturais, mostram mais interesse, preocupação e insatisfação com a imagem corporal do que os homens.

Para Campos, Santos, Martins (2021), o conceito de imagem corporal pode ser determinado como a maneira como uma pessoa se percebe, ou seja, a representação mental e psicológica da aparência física e funcional do próprio corpo. As transformações físicas que chegam progressivamente com o envelhecimento trazem para o indivíduo uma modificação de sua

própria imagem e, muitas vezes, podem ocasionar uma diferença entre a imagem desejada e a imagem real. Para Lima, Dutra, Novaes, Fernandes, Brech & Sales (2022), o idoso vivencia um paradoxo: um corpo que de alguma maneira amadurece e envelhece, em contraponto ao seu desejo, que não acompanha o ritmo das alterações fisiológicas. Simone de Beauvoir enfatiza, em sua obra “*A Velhice*”, que essa fase da vida é inerente a todo ser humano. Nessa fase o corpo passa por modificações e com isso há também uma diminuição das atividades e da autonomia no que se refere à vida individual e coletiva (Beauvoir, 1970).

No aspecto psicológico, Couto (2021) ressalta que a velhice (incluindo sua imagem corporal) é um processo dinâmico, subjetivo e inerente a todos os seres humanos que vai se transformando ao longo de todo ciclo vital, de acordo com fatores intrínsecos e extrínsecos peculiares ao desenvolvimento humano. Para Marques, Oliveira, Assis e Maranhão Neto (2015) a percepção do corpo envelhecendo se dá por meio da aparência física. Diante do espelho, se constata as reais transformações que o corpo sofreu ao longo dos anos, tornando-o diferente da imagem que se tem na memória, uma imagem idealizada, construída culturalmente pelas imposições de modelos corporais imutáveis. Cabeda (2009) evidencia que o corpo refletido no espelho se distancia da imagem que antes serviu de protótipo da representação de si mesma. Ao se ver, o sujeito volta “para dentro” de si, sentindo um estranhamento, não se reconhece e não é reconhecido pelos outros.

De acordo com os dados da reportagem da Agência IBGE de notícias (2018) já citados acima, e dos estudos de Moraes (2018), sabe-se que a expectativa de vida das mulheres tem aumentado significativamente ao longo da segunda metade do século XX. Esta tendência tem gerado um interesse crescente pelas questões relacionadas ao processo de envelhecimento feminino. Nota-se que alguns fatores contribuem para o aumento da diferença entre a longevidade masculina e feminina, a saber: as diferenças biológicas, mortes violentas - cujas

vítimas são majoritariamente homens - e um acompanhamento médico contínuo mais dedicado por parte das mulheres. Tais fatores tornam a expectativa de vida da população masculina menor do que a da população feminina (Morais, 2018). E como já foi citado anteriormente a velhice feminizou. Porém registra-se alguns problemas que acompanham essa fase da vida da mulher, ou seja, preconceitos sexistas<sup>1</sup> e gerontofóbicos<sup>2</sup> (Salgado, 2002).

Mirian Goldenberg (2011), em seu livro “Coroas, corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade”, trata de como as mulheres envelhecem e como isso pode afetar suas vidas, suas relações matrimoniais, sua consciência dos seus próprios corpos, como se sentem sobre sua aparência e sua capacidade de desfrutar do prazer sexual. Ao final de seu estudo, Goldenberg conclui que o envelhecimento afeta o papel social das mulheres, suas relações e como elas são vistas e tratadas por esta sociedade eminentemente machista.

Para a referida autora, o corpo é capital físico, simbólico, econômico e social. Ou seja, o corpo enquanto capital físico pode envelhecer, pode perder sua juventude, seu vigor e suas formas, o que é visto como sinal de enfraquecimento e fraqueza. Tal processo, por sua vez, pode afetar o capital simbólico das mulheres, pois elas são frequentemente vistas como menos úteis e menos desejáveis em comparação às mulheres mais jovens. Com relação ao capital econômico, elas podem ter menos acesso ao trabalho, aumentando assim o risco de pobreza. Enfim, o envelhecimento pode afetar o capital social, pois as mulheres podem se

---

<sup>1</sup> Sexista, segundo o dicionário online de Português, é a característica do que ou de quem possui ideias ou comportamentos que denotam sexismo. Substantivo masculino e feminino. Pessoa que possui particularidades e/ou características que denotam sexismo; que demonstra qualquer tipo de discriminação baseada exclusivamente no sexo: o sujeito possuía um discurso sexista porque acreditava que a mulher, por ser mulher, não poderia dirigir bem. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sexista/>

<sup>2</sup> Gerontofóbico, segundo o dicionário on-line da Academia Brasileira, medo excessivo de envelhecer ou do processo de envelhecimento; aversão ou desprezo por tudo que se refere à velhice ou pelas pessoas idosas. [De geront(o)- (do grego gérōn, gérontos ‘velho, ancião’) + -fobia.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/gerontofobia>

tornar mais isoladas da sociedade, resultando em menos oportunidades para relacionamentos e suporte.

Ao longo da história os corpos feminino e masculino veem sofrendo com as exigências estéticas que a sociedade impõe. É necessário lembrar que, historicamente, as sociedades têm associado a ideia de envelhecimento ao declínio, e isso contribui para a criação de preconceitos em relação à velhice (Moreira, 2012).

Simone de Beauvoir (1970, p.18) afirma que “cada sociedade cria seus próprios valores, é no contexto social que a palavra declínio pode adquirir um sentido preciso”. Para esta autora a velhice deve ser compreendida em sua totalidade, pois não é unicamente um fator biológico, mas cultural. Refletindo sobre as afirmativas de Beauvoir, pode-se dizer que os valores e princípios que regem a vida em sociedade são criados e compartilhados por aqueles que a compõem. Assim, um termo como “declínio” só terá um significado preciso quando entendido dentro do contexto social em que se está inserido. Ou seja, o significado de um termo depende da cultura, das circunstâncias e do momento histórico dado. A cultura molda nossa experiência de envelhecimento, desde a forma como as pessoas envelhecidas são vistas e tratadas até como elas veem a si mesmas.

Maria Rita Kehl, em seu texto “*As Máquinas Falantes*” de 2003, traz uma reflexão sobre o corpo como um objeto social. Para ela, pensa-se no corpo como uma propriedade. Entretanto, ele pertence ao sujeito muito menos do que se imagina. Kehl (2003) afirma que o corpo é do Outro<sup>3</sup>:

---

<sup>3</sup> Outro - al. Andere (der); esp. otro; fr. Autre; ing. other Termo utilizado por Jacques Lacan\* para designar um lugar simbólico — o significante\*, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito\*, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo\*. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a\* [...]. Disponível em:

Proponho abordar outra dimensão que não é estranha a psicanálise: a do corpo como objeto social. O corpo próprio como corpo do outro. Ao contrário da concepção do corpo como propriedade privada de cada um, afirmo que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao outro; o corpo é formado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se construir. (Kehl, 2003, p.245)

Desta forma, pode-se dizer que o corpo está inserido em uma rede discursiva onde os signos, os significantes e os significados vão produzir discursos de acordo com o valor social que é atribuído ao sujeito. Com isso, pode-se definir o conceito de imagem corporal como a ideia que cada pessoa tem sobre seu próprio corpo, e esta imagem é construída por ideologias socioculturais que vão se diferenciando ao longo de sua existência. Ribeiro, Tavares e Caetano (2012) referem-se à representação mental da identidade corporal do indivíduo como um fenômeno complexo, multidimensional e dinâmico, que engloba aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais.

Pensando neste envelhecer que foi e ainda talvez seja associado a fatores negativos, doenças, vulnerabilidade, dependência, decrepitude, feiura e morte, Soares (1995, p.24) defende que há socialmente uma “absolutização do valor da juventude em relação às demais fases da vida.” Simone de Beauvoir, em sua obra “*A velhice*” (1970, p.9), assegura que “o adulto se comporta como se não devesse nunca envelhecer”. Porém, envelhecer é um fenômeno que na melhor das hipóteses todos passam. Entretanto, Soares e Pádua (2014) lembram que o ser humano está cada vez mais preocupado com sua aparência física e busca aquela considerada ideal e este ideal sofre influência da mídia na sociedade.

Hoje, com o avanço da tecnologia e da medicina que minimizam os sinais do tempo ou do envelhecimento da pele, pode-se encontrar pessoas já consideradas idosas em boas condições de saúde, tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista estético. Cabeda (2009) ressalta que o culto à aparência na atualidade tem forçado mulheres a ver na falta de beleza e juventude uma forma de desqualificação da subjetividade. Dito isto, percebe-se que não há somente uma inquietação com as transformações orgânicas que o processo de envelhecimento pode acarretar, mas há também uma inquietação com a imagem corporal, um incômodo sobre um “não poder envelhecer”.

No processo de envelhecimento acontecem várias mudanças sociais, culturais, econômicas e institucionais, como já abordado, e estas interferem na organização de valores e na estrutura familiar. A mulher era tradicionalmente a responsável por cuidar da casa e da família, porém, a nova mulher está cada vez mais incluída no mercado de trabalho (Barros, Santos, Gonzaga, Lisboa & Brand, 2016). Entender como essa mulher, que saiu para o mercado de trabalho, que hoje tem menos filhos e que passou por conquistas históricas está envelhecendo é uma reflexão que deve ser feita na contemporaneidade.

Goldenberg (2011), após uma viagem pela Alemanha durante dois meses, ministrando palestras sobre seu trabalho intitulado “O corpo como capital na cultura brasileira”, iniciou uma pesquisa no Rio de Janeiro com mulheres na faixa etária de 50 a 60 anos, das camadas médias e altas. Neste estudo, a autora fez sete grupos de discussão, com entrevistas e aplicações de questionários com questões abertas. Logo nas primeiras entrevistas, a autora constatou um abismo entre o poder objetivo que as brasileiras conquistaram em diferentes domínios, como realização profissional, independência econômica, maior escolaridade, liberdade na vida afetiva e sexual, e a miséria subjetiva que surgiu em suas declarações, como

preocupação com doenças, excesso de peso, vergonha do corpo, medo da solidão e sensação de invisibilidade.

Na pesquisa de Goldenberg (2011), as mulheres alemãs, por outro lado, se revelaram não só mais seguras do ponto de vista objetivo, mas também subjetivo. Elas pareceram estar mais à vontade com o processo de envelhecimento, destacando as numerosas vantagens que estavam desfrutando, seja em termos de qualidade de vida ou realizações intelectuais, profissionais e emocionais. A discrepância entre a realidade objetiva e a angústia discursiva das brasileiras evidencia que no Brasil o envelhecimento é um fenômeno ainda mais problemático, o que pode explicar o sacrifício que muitas fazem para se apresentar mais jovens.

Olhar somente para o lado das perdas e/ou “ganhos negativos” da velhice, prender-se às marcas deixadas pela idade, aos pés-de-galinha, aos cabelos brancos, as gordurinhas localizadas, não lhe assentir ser mais uma mulher desejosa e desejada e se recusar a aceitar as transformações físicas pode, segundo Cabeda (2009), aprisionar as mulheres em uma busca insana de uma imagem corporal segundo um determinado modelo social ou segundo um determinado momento do passado. Talvez este pareça ser a idealização presente no projeto existencial que motiva muitas mulheres a se submeterem às intervenções estéticas, às cirurgias plásticas e ao uso de medicamentos e cosméticos de última geração.

É sabido que, durante muito tempo, não era permitido a uma mulher envelhecer e engordar. E se essa já fosse uma senhora vestir-se e/ou comportar de determinadas formas: isto era inaceitável. Simone de Beauvoir traz este olhar conservador:

Os velhos provocam escândalo quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens: o amor, o ciúme, neles parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência derrisória. Têm obrigação de dar exemplos de todas as virtudes. [...] deles se exige a serenidade: afirma-se que a possuem e isto

autoriza um desinteresse pelo seu infortúnio. A imagem sublimada que de si mesmos lhes é proposta apresenta-os como sábios aureolados de cabelos brancos, dotados de rica experiência, veneráveis, pairando muito acima da condição humana; decaem quando fogem a esta imagem: a que lhe se opõe é a do velho doido, caduco e gagá, objeto de mofo por parte das crianças [...]. Pode-se, portanto, sem o menor escrúpulo, negar-lhes o mínimo considerado necessário a uma vida de homem. (Beauvoir, 1970, p.8)

Foi Simone de Beauvoir quem motivou inúmeros cientistas e pensadores de diferentes abordagens a se debruçarem sobre o tema envelhecimento e/ou processo de envelhecer. Percebe-se que, ainda hoje, discutir este assunto se faz necessário. Visto que, em sua narrativa, a renomada escritora denuncia um cenário ainda não extinto: o descaso, a desumanização, o preconceito, a violência, a condição deplorável, a invisibilidade. Enfim, o lugar que a sociedade coloca estes que envelhecem acarreta sentimentos negativos no processo de envelhecer. Ou ainda preconceitos, pois ao que se pode constatar, à título de exemplo, a intolerância dos telespectadores ao assistir, na novela Babilônia de Gilberto Braga (2015), da Rede Globo, duas longevas se beijando, representadas na cena por Fernanda Montenegro e Natalia Timberg. O público se horrorizou ao ver um casal homoafetivo e sobretudo de idosas se beijando. Procópio e Azevedo (2019) corroboram com a observação de que a obra de Simone de Beauvoir continua produzindo efeitos e implicações, e esses são capazes de desestabilizar o discurso engendrado pela sociedade, em que a mulher é um ser inferior e os sujeitos idosos são objetos a serem descartados.

## **As mídias e redes sociais e sua influência no processo de envelhecimento**

O processo de envelhecimento é marcado por algumas modificações, sendo as mais fundamentais no corpo e na forma de viver do indivíduo. Portanto, durante esse processo, o indivíduo tem que encarar alterações físicas características desta fase. Quando colocado em foco o corpo feminino, é possível observar que os sentidos atribuídos a esse corpo, os padrões de beleza, os símbolos e os valores, sofreram diversas influências e alterações ao longo dos anos e que este mesmo corpo, quando envelhecido, ainda será submetido aos marcadores culturais. (Schneider & Irigaray, 2008)

A busca por um padrão de beleza considerado ideal ou perfeito se evidenciou no final do século XX, quando, surgiu o marco da valorização da aparência física. A indústria da beleza, ao notar essa atenção voltada aos cuidados com o corpo, fomentou o mercado com sofisticados produtos de beleza, modernas técnicas de intervenção cirúrgica e atividades físicas relacionadas à preservação estética. (Matos, 2015)

A obsessão pela beleza tem se tornado um fenômeno com grandes implicações na vida dos sujeitos, gerando significativos investimentos no próprio corpo. Esta tendência afeta as relações psicossociais do indivíduo pois cria necessidades e desejos, bem como novas formas de pensar, sentir e compreender o ambiente no qual esse se insere. Tal obsessão não é mais um meio de expressar a subjetividade de cada um, mas sim de seguir os padrões de beleza impostos pela sociedade (a maioria deles difundidos pelos usuários de redes sociais). (Silva, 2018)

Cabe aqui destacar as mudanças radicais percebidas nos veículos de comunicação. Com o surgimento de um mundo virtual e de uma rede de comunicação mais rápida e de maior alcance e com aparatos modernos e tecnológicos que conectam as pessoas de forma imediata e fácil, conhecidos como Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), a interação

social presencial acabou se deparando com o chamado contato virtual em universos digitais, como o WhatsApp, Twitter, Facebook, Instagram, YouTube e outros sites ou apps semelhantes. (Silva, 2018)

Em todo esse cenário virtual existe um impacto estruturante da globalização e das mídias na construção de um modelo padronizado de estruturas corporais ideais para mulheres, com características específicas que, na maioria das vezes, associam, felicidade e sucesso às questões estéticas e essas são vinculadas à aparência juvenil. Matos (2015) categoriza tal processo como *a celebração da juventude*. Neste sentido nota-se uma busca constante por meios capazes de distanciar a aparência física do envelhecimento. Assim, embora perceba-se uma incongruência nesse pensamento, a juventude passa a ser vista como meta de existência, e a velhice, passa a estar atrelada às percepções negativas, pejorativas, ou simplesmente invalidadas. O corpo velho passou a ser considerado distante dos corpos exibidos como espetáculo. O referido autor também ressalta que:

Ter um corpo velho tornou-se uma condição a qual não se deve assumir; ao contrário, na cultura contemporânea deve-se negar e reinventar esse corpo através das diversas técnicas e tecnologias de rejuvenescimento. Ter um corpo jovem e manter-se jovem, esta, sim, é a condição proclamada na contemporaneidade, condição assumida por parte dos idosos ou grupo também denominado de Terceira Idade. Pois, ao longo dos tempos a velhice está associada à decrepitude do corpo (Matos, 2015, p. 63).

Matos (2015), ao se referir aos preceitos de indesejabilidade da velhice que levam o sujeito a negar-se e reinventar-se, torna evidente que a representação do corpo na velhice vai além de uma ordem biológica, pois engloba a compreensão acerca desse corpo e como ele se apresenta diante do outro.

Esse pensamento se aproxima do que Zygmunt Bauman (2000 *apud* Silva & Silva, 2019) chama de “a alegoria do camaleão”, pois revela que a identidade do sujeito vai se deslocar de um ideal positivo proveniente do desejo de pertencimento, para outro totalmente novo que se reajusta de acordo com o contexto em que está inserido:

Com efeito, a condição etérea da identidade do indivíduo moderno líquido sinaliza para a perfeita adequação com a alegoria camaleão. A mudança de coloração da pele deste réptil é característica peculiar de seu comportamento social que por intermédio de um processo adaptativo chamado de camuflagem, encontra os meios de sua sobrevivência em seu habitat. Nesta conjectura apresentada, não há motivos para imbuir-se de uma identidade coesa e pesada que por certo limitaria o espectro de atuação do sujeito na selva de infinitas possibilidades sedutoras e instigantes. Nada de fincar raízes! Esqueça! A tática mais apropriada para admoestar a construção da identidade social é apresentar-se como um verdadeiro camaleão, pronto para mudar de cor conforme as próximas circunstâncias assim o exijam. (Silva & Silva, 2019, p. 11).

Desta forma, com a reorganização da identidade do sujeito, de sua forma de representação conforme influência do seu meio de inserção, insere-se em uma “modernidade líquida” que reafirma o indivíduo na velhice como sujeito periférico à sociedade, já que na concepção moderna os padrões instaurados corroboram com o ageísmo<sup>4</sup>. Além disso, como analisado anteriormente, nesse cenário moderno evidencia-se uma busca incessante pelo prazer, satisfação e pertencimento, características de uma cultura do narcisismo<sup>5</sup>, ligada ao dever de

---

<sup>4</sup> Visão negativa, aversão e preconceito direcionado às pessoas mais velhas, aos idosos, também se pode efetivar pela criação de estereótipos que desvalorizam a dignidade humana dessas pessoas; preconceito por idade.

<sup>5</sup> Investimento libidinal no EU como objeto (unificações de pulsões parciais e auto-eróticas)

“ser feliz sempre”, independente da irrealidade presente nessa idealização de felicidade (Grando & Sturza, 2016).

Ainda, de acordo com Silva (2018), essa compreensão narcisista, intrínseca ao universo das redes sociais, se manifesta e concretiza com as compulsivas interações com essas redes sociais, como postagens de fotos frequentes de si, atualização corriqueira de status virtual, compartilhamento de localização geográfica em tempo real e, até mesmo, exibição de ações que estão sendo desempenhadas em um dado momento. Assim há uma grande exibição de si e de um personagem projetado nesse ambiente virtual como um Eu ideal. Essa observação do autor aponta mais uma vez para o desejo de pertencimento à cultura atual, e sugere a exposição a uma supervalorização da vaidade, em que o sujeito, com satisfação em mostrar constantemente suas qualidades e posses nas redes sociais, é influenciado e influencia os inseridos neste meio.

Assim, a dimensão estruturante que o universo virtual exalta, com suas tendências voláteis e efêmeras, exige que o sujeito busque aprovação e reconhecimento dos outros usuários das redes sociais, gerando uma supervalorização da vaidade. Entretanto, Mucida (2009) aborda que o sujeito nasce com uma insuficiência natural em relação à apreensão de sua própria imagem e assim, mesmo que a pessoa possa, por meio dos outros, ter uma imagem ideal de si mesmo, um “Eu ideal”, ela permanece sofrendo de uma miopia no olhar, pois ninguém é exatamente o que vê. A referida autora aponta assim a inevitável relação do sujeito com diferentes espelhos. Ou seja, estamos destinados a buscar imagens ideais de nós mesmos, por meio dos outros e ao se deparar com o próprio reflexo no espelho, a autora dirá:

De repente, em um dia qualquer, numa espécie de sobressalto, de um olhar desavisado, encontra-se no espelho (que não implica necessariamente o espelho real,

pode ser através do outro, uma foto, um olhar) uma imagem que escapa e na qual o sujeito não se reconhece. (Mucida, 2009, p.43)

Assim, esta estranheza, esta aceitação incômoda, a forma como as pessoas percebem sua imagem corporal pode ter consequências importantes sobre sua saúde e qualidade de vida. Skopinsk, Resende e Scheneider (2015) ressaltam que mulheres satisfeitas com sua imagem corporal têm uma melhor qualidade de vida, ou seja, uma imagem positiva sobre si reflete uma adaptação e/ou aceitação das mudanças físicas relacionadas ao envelhecimento, enquanto uma atitude negativa reforça os sintomas depressivos, a baixa autoestima e falta de motivação. Esta insatisfação com a imagem corporal é fator preditor da saúde futura de mulheres e necessita de intervenções que passam pela mudança no estilo de vida (Morais, 2018, p.54).

Dessa forma, embora já se saiba que a aceitação de si é fundamental para a saúde, Pelegrine, citado por Rodrigues (2019) demonstra que cada vez mais há investimento em mudanças corporais, como por exemplo as cirurgias plásticas pautadas nos padrões vinculados e criados pelas grandes mídias. Esses padrões são divulgados e apresentados como indicadores de beleza e tendências, interferindo na criação da autoimagem e no conceito do “Eu” de cada sujeito. Assim sendo, o corpo idoso se torna, cada vez mais, um objeto de medo e receio, em contraposição à ideia de juventude eterna, planteada pelas mídias e redes sociais.

### **Pequeno percurso sobre o que a psicanálise tem a dizer sobre o processo de reconstrução e de envelhecimento.**

Mucida (2004) lembra que Freud não se dedicou a escrever especificadamente sobre a velhice e os relatos que se tem de quando ele trata o assunto (e ele aborda seu próprio

envelhecimento) é que ele vê a velhice como algo terrível. Salomão (1975) relata que Freud, em suas cartas endereçadas à Lou Andréas-Salomé, no livro “Freud/Lou Andreas-Salomé: correspondência completa”, se percebe em meio às suas insatisfações com relação ao seu próprio envelhecimento e com relação ao câncer que o acompanhou durante anos. Em outras correspondências à Ferenczi, Freud relata suas perdas, como a de Sophie - uma de suas filhas, e do neto de quatro anos que Freud amava, entre outras. Tais acontecimentos fizeram com que ele se deprimisse (Mucida, 2004).

O processo de envelhecimento pode vir acompanhado por transformações no corpo, perda da flexibilidade, perdas de amigos e familiares, mudanças na vida como a da aposentadoria. Freud, assim como muitos que já envelheceram, sentiu as transformações na vida, na mente e no corpo. Entretanto, ele mesmo, no artigo “O Método Psicanalítico” (1904 [1905]), não acreditava na possibilidade de melhoras para um sujeito com mais de cinquenta anos em uma psicoterapia:

[...] uma faixa etária por volta do quinto decênio cria condições desfavoráveis para a Psicanálise. A massa de material psíquico não será mais dominável nesta fase, o tempo necessário para o restabelecimento será longo demais e a capacidade de reverter processos psíquicos começa a fraquejar. (Freud, 1904 [1905] /2022, p. 58)

Freud reafirma tais considerações em outro artigo intitulado “Sobre a Psicoterapia”:

A idade dos doentes é relevante para o tratamento psicanalítico, na medida em que nas pessoas próximas ou acima dos cinquenta anos, por um lado costuma-se faltar plasticidade dos processos anímicos dos quais a terapia se fia – pessoas idosas não são mais educáveis – e, por outro lado, o material a ser trabalhado prolonga a duração do tratamento até o imponderável [...] (Freud, 1905 [1904] /2022, p. 72)

É sabido que, no final do século XIX e início do século XX, a expectativa de vida variava de acordo com as condições sociais, econômicas e de saúde. Vale destacar que, nessa época, a taxa de mortalidade era alta e a maioria das pessoas morriam antes dos cinquenta anos. Assim, um indivíduo de 50 anos já seria considerado velho, levando em conta a perspectiva de vida e as circunstâncias do envelhecimento da época. Devido ao progresso científico, criação de vacinas, saneamento básico e acesso à saúde, hoje pode-se viver mais. A expectativa de vida vem aumentando cada vez mais. Ao considerar tal fato, deve-se também elucidar que alguns estudiosos voltados para a pesquisa da saúde psíquica trouxeram contribuições significativas para a reflexão do sujeito na velhice.

A autora Abrahão (2008) aborda a atemporalidade existente nos processos inconscientes, relatando sobretudo sua leitura do artigo de Freud de 1915, nomeado de “O inconsciente”. Segundo a referida autora, tal escrito convida para reflexão acerca dessa instância psíquica, onde o tempo cronológico é inexistente, ou seja, o tempo que ali se passa não possui uma métrica relacionada à passagem dos anos, diferente do corpo físico, onde isso é palpável, ou seja, de fácil constatação.

Desta forma, percebe-se que o inconsciente não sofre alterações do tempo (Abrahão, 2008). Pode-se então afirmar que o inconsciente é atemporal, ou seja, pode-se envelhecer, o corpo pode envelhecer, mas, como reforça Mucida (2004), o inconsciente e os desejos não envelhecem.

Segundo Carneiro (2021), Freud considerava que as cristalizações psíquicas e a ausência de plasticidade atrapalhariam o tratamento psicanalítico de concretizar algum tipo de ajustamento subjetivo, tanto em relação à extinção de sintomas quanto na superação de um sofrimento provocado por um modo de funcionamento subjetivo já enraizado.

O envelhecimento é um processo natural do desenvolvimento humano e assim como a adolescência e a puberdade, são reconhecidos pelo outro, pela sociedade, pelo espelho, pelas marcas que o tempo proporciona. É possível estabelecer um paralelo entre essas fases da vida, pois se destacam nelas os processos biológicos e subjetivos (Abrahão, 2008). Porém, não se pode adotar uma ideia fixa a respeito de um envelhecimento, há diversas formas de envelhecer e esta etapa da vida depende do momento histórico, social e biológico.

Assim, tratar o envelhecer para a mulher exige muito do estudioso. Até a metade do século XX, não havia muitas perspectivas para a mulher após ela já ter realizado seu destino social de gerar, criar e educar seus filhos. Era fácil entender que sua aparência, saúde e disposição física anunciavam o fim de sua jornada, própria de sua condição. Hoje, a vida proporciona coisas muito diferentes para as mulheres, como adversidades profissionais, liberdade relativa da vida erótica, a não obrigação com o cuidado familiar, e tudo isso faz com que as mulheres de meia-idade sejam efetivamente muito mais jovens do que as observadas por Freud (Kehl, 2017). Embora se saiba que no corpo da mulher acontecem algumas transformações e, à medida que o tempo passa, elas vão se acentuando.

Atualmente pode-se utilizar o termo envelhescência para envelhecimento. Carneiro (2021) lembra que esta primeira expressão foi trazida pelo psicanalista Manoel Tosta Berlinck para descrever um determinado período da existência em que ocorre um desalinhamento entre o inconsciente atemporal e o corpo. Não se trata, porém, da formação do inconsciente e nem de uma alteração da sexualidade como acontece na adolescência, apesar de ocorrer nesta etapa da vida, tanto para homens quanto para mulheres, problemas relacionados à vida sexual, como impotência, frigidez e o assombro da decadência do corpo. Sabe-se que a adolescência é marcada pela mudança corporal, momento em que o corpo começa a ter característica de adulto, mas o sujeito ainda se vê como criança. E isso lhe causa uma estranheza. Já na

envelhescência, o sujeito também tem uma estranheza. Os cabelos diminuem, ganha-se peso, a pele enruga, a visão não é mais a mesma, os sonhos e projetos já não podem ser pensados a longo prazo, o corpo deixa de responder à certos estímulos do desejo etc. (Carneiro, 2021)

Mucida questiona:

Por que sendo o envelhecimento tão familiar e íntimo – envelhecemos deste de sempre – a imagem envelhecida causa por vezes estranheza e espanto? O que é desconhecido nesse rosto tão familiar? Será que o estranhamento advém, sobretudo, por que algo que não deveria aparecer surge sem nos dar tempo e acomodação?

(Mucida, 2009, p. 43)

Vilhena, Novaes e Rosa (2014) destacam que a infelicidade humana, segundo Freud, pode originar dos relacionamentos que terminam e deixam vazio na vida do sujeito, do mundo que apresenta grandes desafios para a delicada constituição humana e, sobretudo, do próprio corpo que se direciona irremediavelmente para a morte. Segundo a mesma fonte, Freud encara o corpo como uma das fontes do mal-estar humano, ressaltando que o corpo perdurará como uma estrutura efêmera, com limitada capacidade de adaptação e realização. Porém tal constatação não pode ter um efeito paralisante, pois pode-se abrandar esta dor - em parte com o avanço da ciência - mas nunca totalmente.

Segundo Cherix (2015), a notoriedade do corpo se apresentou para a psicanálise no início do século XIX, com Freud e Ferenczi. Outros autores prosseguiram com o estudo da temática. No entanto, nos anos 50 o foco das escolas de psicanálise se desloca para o mundo interno, com seus pensamentos e significantes, ao invés dos aspectos corporais e estéticos. Mas, com o surgimento da Escola de Psicossomática de Paris e o nascimento do Instituto de Psicossomática (IPSO) em 1972, a dimensão corporal volta a ter crédito.

Cherix (2015) lembra que Freud acreditava que a pulsão tem sua origem no interior do organismo e que se busca satisfazê-la por meio de identificações e trabalhos de luto que deixam marcas no Eu e contribuem para o desenvolvimento da psique.

Embora não tenha havido um foco específico nos primórdios dos estudos psicanalíticos sobre a pessoa idosa, Altman (2011) destaca que Freud discorre em seus estudos sobre aspectos importantes que trazem o entendimento sobre o envelhecimento, como por exemplo a distinção entre luto normal e melancolia. Considera-se assim que perceber o que há de comum e diferente em cada sentimento ajudaria a compreender as perdas tão vivenciadas no processo de envelhecimento.

Cherix (2015) destaca que à medida que a velhice se aproxima, o corpo assume um papel cada vez mais relevante na vida cotidiana e psicológica do indivíduo. Ao se ouvir os relatos das pessoas no processo de envelhecimento é possível notar que muitos passam grande parte do tempo discorrendo sobre seus corpos, expressando suas queixas e preocupações. O corpo, que já foi algo próximo e familiar, torna-se então algo desconhecido e ameaçador. Assim, cada vez mais é importante prestar atenção às mudanças e instabilidades desse novo "Eu".

Até a poetiza Cecília Meireles se propõe a mostrar o assombro melancólico do “Eu-lírico” com relação ao envelhecimento, revelando sua perplexidade ao perceber a fugacidade do tempo em seu poema “Retrato”:

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo.  
Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;

Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.  
Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
— Em que espelho ficou perdida  
a minha face? (Mireles, 2012, p.31)

Nesta poesia, o próprio título “Retrato”, revela a passagem do tempo, pois a fotografia ainda que tenha sido a um minuto atrás, já não é mais o agora, ela eterniza a imagem do momento retratado. Além disso, o Eu-lírico revela que não percebeu em que momento sua condição física mudou, no verso: “Eu não tinha este rosto de hoje”. E há também mudança psicológica, visto que ele não se reconhece mais ao se perguntar “Em que espelho ficou a minha face?”. Elesbão (2021) ressalta que a partir da percepção da passagem do tempo e os efeitos dessa entidade sobre o sujeito, pode-se perceber a profunda inquietação de buscar reencontrar a identidade (o eterno) perdida no processo imperceptível de mudanças (o efêmero).

Para Santos (2021), a velhice é um projeto desconhecido para o indivíduo, pois exige que ele (re)construa sua identidade a partir de fragmentos identitários, desconstruindo assim sua construção anterior da sua juventude e fase adulta. A autora continua afirmando que se esta velhice é dura e retrata o ruir do império do suposto Eu construído ao longo da vida, um Eu que antes regia e agora se esvazia da autonomia diante da vida e do corpo, passando à uma nova existência, assistida e dependente em muitos casos. Para Santos (2021), fica a inquietação: como pensar na velhice da mulher? Esta é uma reflexão que será tratada a seguir, pensando-se em uma sociedade gerontofóbica e sexista como a brasileira.

Mucida (2004) diz que a psicanálise, para além do orgânico, coloca em cena um corpo, perpassado pelo Outro, atravessado pelo desejo, pelo sofrimento, um corpo habitado por um sujeito que tem uma forma única de conduzir o real. Maria Rita Kehl (2003) aponta que os corpos se transformam por efeito do que se diz sobre eles, do novo lugar social que se produz a partir desta rede de apoio discursiva que elabora esta forma diferente de se estar na própria pele. Não é uma mudança unicamente estética. A experiência de um Eu que se vê em um corpo sem valor social é infinitamente distinta daquela de quem se representa para o Outro como tendo valor social, ainda que este valor seja uma ficção.

Mucida (2009, p.41), no capítulo: “Do espelho e outras ficções”, cita Michel Schneider. Ela começa com a pergunta: “de que é feito um Eu?” Para lembrar da analogia feita por este autor em 1990, quando ele faz uma correspondência entre a tessitura de um texto e a constituição do Eu. A supracitada autora continua dizendo que pensar no Eu como uma ficção pode parecer estranho, já que não é possível existir sem um corpo, sem um nome e uma imagem com as quais se é reconhecido. Não há um Eu sem um corpo e vice-versa. Na formação do Eu estão os traços do Outro, bem como as imagens. Entretanto, a imagem que se tem de nós mesmos ou aquela que o Outro produz sobre nós bem cedo (mesmo antes de falarmos), não é a imagem real com a qual se tem que conviver.

Como foi dito acima, bem precocemente a imagem que temos de nós mesmos, não é unicamente construída por nós, mas pelo Outro. É interessante aqui citar Jacques Lacan. Para Lacan (1998), em um primeiro momento, a criança se encontra “desfigurada” ou “desmontada”, ela não é capaz de se identificar como um sujeito. Então, tem um primeiro contato com sua imagem refletida no espelho e percebe algo completo, a partir dos apontamentos (da fala) da mãe é que ela começa a associar aquela imagem como algo completo. Ao se ver refletida no espelho, primeiramente, não sabe que aquele reflexo é ela,

mas logo terá um *insight* e perceberá que o reflexo é dela. Neste momento, a criança se torna consciente de seu próprio Eu e de sua imagem, através do reflexo no espelho. O Estágio do Espelho tem grande importância na formação do ego, pois é nesse momento que o bebê passa a compreender que é uma entidade separada da mãe, com sua própria identidade. É neste estágio que o bebê começa a desenvolver o sentido de si mesmo e a se perceber como um indivíduo único. Esta é uma das principais etapas do processo de desenvolvimento proposto pelo psicanalista Jacques Lacan.

Nascemos sem a compreensão de nossa própria imagem. Embora possamos nos esforçar para construir uma imagem ideal de nós mesmos através dos olhos dos outros, nossa visão ainda é limitada. Não somos necessariamente o que vemos. Fato que marcará nossa relação com os diferentes espelhos da vida. Ou seja, não o espelho como objeto real, mas a relação entre o Eu e o Outro (Mucida, 2009).

“Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia, [...] no espelho esta cara não é minha”; assim canta Arnaldo Antunes e Nando Reis (2007). Mucida (2019), com razão então questiona sobre o que é desconhecido neste rosto quando ele é tão familiar.

Ao considerar o conceito de Infamiliar (*Unheimliche*), Freud (1919/2019) aponta para uma inquietude que surge quando algo que já foi familiar é reivindicado como estranho após ter sido recalcado. Esta experiência, que pode ser relacionada às alterações no corpo e à crise na transição para a velhice gera medo e horror. Assim, quando a velhice e a perda de funcionalidade se tornam realidades palpáveis, são vivenciadas como algo alheio e perturbador, que surge de maneira abrupta (Altman, 2011).

Desse modo, diante das transformações do Eu, esses aspectos citados anteriormente sobre uma conotação marcada pela autocrítica, diante da chegada da velhice, podem-se equiparar

com o quadro clínico de melancolia, já que há uma insatisfação moral com o Eu, a qual o indivíduo aponta críticas a ele mesmo, podendo ser físicas ou sociais (Freud, 1917/1996).

A partir disso, pode-se observar que o envelhecimento traz consigo representações sociais atreladas às formas como as pessoas com mais idade vivem, se veem e são percebidas pelos outros por uma perspectiva psicológica, social e física. As Representações Sociais (RS) remetem à um conjunto de ideias, opiniões e explicações que emergem da comunicação entre indivíduos. Elas são semelhantes aos mitos e crenças das sociedades antigas e, até mesmo, podem ser consideradas como uma moderna versão do senso comum. (Moscovici, 1981) Dito isto, as RS referem-se as ideologias, crenças, discursos que as pessoas compartilham acerca da velhice em uma sociedade. Esses discursos têm o poder de influenciar a forma como as pessoas que envelhecem são tratadas e percebidas.

### **Considerações Finais**

O processo de envelhecimento e seus significantes, como foi abordado, passam por diversas mudanças ao longo do tempo, variando de acordo com as influências culturais. A mulher se encontra inserida nesse processo dinâmico e sua construção identitária também está susceptível aos marcadores culturais.

Conforme revisão da literatura, a longevidade é percebida de forma mais significativa pela população feminina, além de ter sua maior expressão estatística nesse segmento populacional. Assim, as configurações do que o “ser mulher” representa ao longo da história trazem impactos mais relevantes para esse nicho populacional quando à velhice. A forma que essas mulheres são vistas pela sociedade e que elas se percebem vai impactar a construção subjetiva e da autoimagem delas.

Outro fator importante que tem influência nesse processo são as redes sociais, que propiciam um ambiente viral, uma vez que as informações e ideias são disseminadas mais rapidamente. Tal processo tornou mais disseminado e aceito o chamado culto ao “corpo perfeito”. Pode-se perceber que esses ideais já se faziam presentes na cultura no final do século XX e o corpo feminino já era o foco das expectativas da época. O que era considerado “belo” era ovacionado, tornando o corpo que se apresentasse fora desse padrão marginalizado.

Nessa perspectiva, é possível observar que juntamente com o culto ao corpo perfeito, a “juventude eterna”, conceito vendido pelas mídias e redes sociais, foi colocada em cena, retirando assim o lugar do velho e do envelhecido. A partir de então, a velhice – fase normal do desenvolvimento humano – se torna indesejável, propiciando, dessa forma, a criação de diversos procedimentos estéticos e o aumento da procura por eles, para que se possa retardar o processo de envelhecimento e manter-se dentro dos padrões impostos e aceitos culturalmente.

Com isso, o desenvolvimento da identidade feminina da mulher idosa, quando se apresenta carregado de aspectos negativos (o que parece ser de fato mais evidente) convida para a reflexão acerca da saúde psíquica dessa mesma mulher, que diante das mudanças físicas inevitáveis é forçada a reestruturar também a imagem mental de si.

Sendo assim, nas leituras e reflexões feitas durante a elaboração deste artigo, pode-se perceber que, ao abordar especificamente a reconstrução da autoimagem da mulher envelhecida, questões subjetivas se fazem presentes, visto que todo esse processo de identificação está para além do sinônimo propriamente dito de velho, velhice, ou, envelhecimento, mas também traz no seu bojo aspectos estruturais como gênero, classe e etnia, tornando assim essa investigação uma tarefa árdua e não finda. Fica aqui registrada a

necessidade de outras pesquisas que envolvam tais aspectos no estudo do envelhecimento para estes e outros pesquisadores interessados na temática.

Observou-se também que a interface entre o tema envelhecimento e o marco cultural estabelecido a partir da existência das redes sociais, cada vez mais intrínseca no cotidiano atual, é também um objeto de estudo bem instigador. Vale lembrar que a inserção dos idosos nas redes sociais, a relação destes com o consumismo exacerbado nesse ambiente e com a alfabetização tecnológica exigida já rende também boas oportunidades de pesquisas, seja com o foco em gênero ou não.

Enfim, ser mulher, ser idosa, se sentir pertencente ou marginalizada na sociedade e em seus diversos espaços de manifestação se colocam como processos sociais reais e como objetos de estudo multifacetados que exigem e exigirão cada vez mais dedicação de estudiosos para que possamos intervir com conhecimento na trajetória da sociedade que queremos construir.

## **Referências**

- Abrahão, E. S. (2008). O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. *Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto*, 9 (1), 45-51. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702008000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702008000100008&lng=pt&nrm=iso)
- Agência IBGE de notícias. (2018). Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>.
- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 193-206. Recuperado em 06 de junho de 2023, de

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352011000100016&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100016&lng=pt&tlng=pt).

Alves, J. E. D. (2019). *Envelhecimento populacional no Rodrigues e no mundo: novas projeções da ONU*. Recuperado de:

<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/787/842>.

Antunes, A. & Reis, N. (2007). Não vou me adaptar. In A. Antunes. *Álbum Ao vivo no estúdio*.

Braga, G. (2015). *Babilônia*. Direção Dennis de Carvalho. Telenovela produzida pela Rede Globo de Televisão.

Barros, T.V.P., Santos, A. D. B., Gonzaga, J. M., Lisboa, M. G. C. & Brand, C. (2016). Capacidade funcional de idosos institucionalizados: revisão integrativa. *ABCS Health Sciences*, 41 (3),176-180. Recuperado de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-827417>.

Bastos, M. F., Xavier, L. G., Esposito, S. C., Ferreira, T.S., Costa, J. F. & Montiel, J.M. (2022). Reflexões Sobre Autoestima e Estética no Processo de envelhecer. In: J.M.Montiel (Org.) *Envelhecimento: questões atuais*. (pp.13-32). São Paulo, SP: Hucitec.

Beauvoir, S. (1970). *A velhice*. Rio de Janeiro, RJ.: Nova Fronteira

Brasil. Presidência da República. Casa Civil. (2003). *Lei nº 10.741*. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Recuperado de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm)

Cabeda, S. T. L. (2009). Uma estranha no espelho: feminilidade, imagem corporal e envelhecimento na contemporaneidade. *Sitientibus*, (41), 195-209.195-209. <https://doi.org/10.13102/sitientibus.vi41.7575>

Campos, C. S., Santos, A. M. P. V. & Martins, M. I. M. (2021). Climatério e menopausa: relação da imagem corporal e sintomas associados em mulheres ribeirinhas na Amazônia. *Aletheia*, 54(2), 25-34. <https://dx.doi.org/DOI10.29327/226091.54.2-3>

Carneiro, R. H. (2021). *Mal-estar e velhices: considerações sobre a clínica psicanalítica com idosos*. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Recuperado de

<https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/17911/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Raon%20ad%20Heckert%20Carneiro%20-%202021%20-%20Completa.pdf>

Cherix, K. (2015). Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. *Revista da SBPH*, 18(1), 39-51. Recuperado em 06 de junho de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582015000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582015000100003&lng=pt&tlng=pt).

Couto, D. (2021). Imagem corporal, uma perspectiva lifespan: breve revisão narrativa. *Revista Portuguesa De Psicologia Da Aparência*, 1(1), 23-39. <https://doi.org/10.52014/rppa.v1.i1.2021.16>

Elesbão, J. S. (2021). Apontamentos sobre a Poética de Cecília Meireles: entre o efêmero e o eterno. In: O.C. Silva, T. M. P. Peres, K. V. Souza (Orgs.). *Um livro de interpretação literária: vida e ficção*. Fortaleza: Expressão Gráfica. (p. 143-158). Recuperado de: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/61195/1/2021\\_liv\\_ocsilvatmpperes.pdf#page=144](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/61195/1/2021_liv_ocsilvatmpperes.pdf#page=144)

Ferenczi, S. (1908/2011). Do alcance da ejaculação precoce. In S. Ferenczi. *Psicanálise I Obras Completas*. São Paulo, S. P.: Martins Fontes.

Ferreira, O. G. L., Maciel, S. C., Costa, S. M. G., Silva, A. O. & Moreira, M. A. S. P. (2012). Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. *Texto & Contexto-Enfermagem*, São Paulo, 21 (3), 513-518. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000300004>

Freud, S. (1917-1996) Conferência XXIV: o estado neurótico comum. In: S. Freud. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação)*. Rio de Janeiro: Imago. (pp.379-392). (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

Freud, S. (1919/2019). O infamiliar. Pedro Heliodoro Tavares (Trad.). In: S. Freud. O infamiliar e outros escritos, v.8 (pp.26-125). *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1904 [1905] /2022). O método psicanalítico freudiano. In: Iannini, G., Tavares, P. H. (Orgs). *Fundamentos da Clínica Psicanalítica: Sigmund Freud*. Tradução Cláudia Dornbusch. Belo Horizonte, MG: Autêntica

- Freud, S. (1905 [1904] /2022). Sobre psicoterapia. In: Iannini, G., Tavares, P. H. (Orgs). *Fundamentos da Clínica Psicanalítica: Sigmund Freud*. Tradução Cláudia Dornbusch. Belo Horizonte, MG: Autêntica
- Goldenberg, M. (2011). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.
- Grando, J. B., & Sturza, J. M. (2016). A sociedade e os idosos: perspectivas sob o olhar dos direitos fundamentais e sociais. *Revista Kairós Gerontologia*, 19(22).  
<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2016v19iEspecial22p341-364>
- Kalache, A., Veras, R. P.; Ramos, L. R. (1987). O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. *Revista de Saúde Pública*, 21, 200-210. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101987000300005>
- Kehl, M. R. (2003). *As máquinas falantes: o homem-máquina, ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, (p. 243-259).
- Kehl, M. R. (2017). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo, SP: Editorial Boitempo
- Lacan, J-M. E. (1998). Estádio do espelho como formador da função do eu. In: J-M. E. Lacan. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. (pp.96-103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lima, F. P. S., Dutra, L. N. L., Novaes, L. F., Fernandes, I. S., Brech, G. C. & Salles, R. J. (2022). Corpo temporal e sexualidade atemporal: um conflito na velhice. *Research, Society and Development*, 11(9),108-119. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31519>
- Marques, R. S. A., Oliveira, A. P., Assis, M. R., & Maranhão Neto, G. A. (2015). Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas de meia-idade e idosas praticantes de atividade física. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 20 (1).  
<https://doi.org/10.22456/2316-2171.30953>
- Matos, C. L. A. (2015). *A reivindicação do corpo da mulher idosa: imagens corporais na cultura contemporânea*. (Dissertação Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Bahia. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35977/1/Cultura%20dos%20Corpos%20Contempor%C3%A2neos.pdf>

- Maximiano-Barreto, M. A., Andrade, L., Campos, L. B., Portes, F. A. & Generoso, F. K. (2019). A Feminização da Velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno. *Interfaces Científicas Humanas e Sociais*, Aracaju, 8 (2), 239-252.  
<https://doi.org/10.17564/2316-3801.2019v8n2p239-252>
- Meireles, C. (2012). *Viagem*. (publicação em 1937). 2.ed. São Paulo: Global.
- Morais, M. S. M. (2018). *Imagem corporal e qualidade de vida em mulheres de meia idade e idosas: um estudo transversal*. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Recuperado de <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25602>
- Moreira, J. D. O. (2012). Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 28 (4), 451-456.  
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/tN9X3hzqf5tsmBc6XyS8Jgf/?format=pdf&lang=pt>
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In: Forgas, J. P. (Org.). *Social cognition: perspectives on everyday understanding*. (p.181). New York, USA: Academic Press
- Mucida, A. (2004). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Mucida, A. (2009). *Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte, MG: Autêntica
- Neri, A. L. (2013). Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In L. F. Malloy-Diniz, D. Fuentes, R. M. (Orgs.) *Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional*. (pp. 17-42). Porto Alegre, RGS: Artmed.
- Paradella, R. (2018). *Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>.
- Procópio, L. R. B. & Azevedo, L. G. N. G. (2019). A influência e as repercussões da obra A Velhice, de Simone de Beauvoir, na produção literária brasileira sobre o tema do envelhecimento. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22 (2), 535-553.  
<http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22i2p535-553>

- Ribeiro, P. R. L., Tavares, M. C. G. C. F., Caetano, A. S. (2012). Contribuições de Fisher para a compreensão do desenvolvimento da percepção corporal. *Psico-USF*, 17 (3), 379-386. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000300004>
- Rodrigues, D. S. S. (2019). *A influência das mídias sociais na autoimagem da mulher e suas relações no desenvolvimento dos transtornos alimentares*. (Monografia bacharelado em Psicologia). Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Recuperado de <http://repositorio.unesc.net/handle/1/7153>
- Rodrigues, L. (2022). *Contingente de idosos residentes no Brasil aumenta 39,8% em 9 anos*. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/contingente-de-idosos-residentes-no-brasil-aumenta-398-em-9-anos#>
- Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, 4 (1), 7-19. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4716>
- Salomão, J. (1975) *Freud-Lou Andreas-Salomé: Correspondência Completa*. Rio de Janeiro, RJ: Imago
- Santos, A. S. (2021). A impossibilidade do envelhecer feminino: tecendo leituras e olhares. *Estudos Literários Pós-Coloniais e de Gênero*. Recuperado de <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/04/ebook-n-1.pdf#page=115>
- Schneider, R. H. & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 25 (4), 585-593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>
- Silva, J. S. & Silva, L. A. A. S. G. (2019). O paradoxo do camaleão: identidade e modernidade líquida segundo a análise de Zygmunt Bauman. *Sociologias Plurais*, Fortaleza, 1 (5), 451-468. <http://dx.doi.org/10.5380/sclplr.v5i1.68207>
- Silva, K. R. (2018). *A influência das redes sociais na construção de padrões de beleza*. (Monografia do bacharelado em Psicologia). Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/27523/3/Influ%C3%A4nciaRedesSociais.pdf>

- Skopinski, F., Resende, T. L., Schneider, R. H. (2015). Imagem corporal, humor e qualidade de vida. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 18 (1), 95-105. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14006>
- Soares, A. J. G. (1995). "Jovens-velhos" esportistas eternamente? *Movimento*, 2 (3), 17-26. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2195>
- Soares, P. G. & Pádua, T. V. (2014). Relação entre cintura-quadril e imagem corporal em mulheres de meia-idade e idosas ativas fisicamente. *Revista Kairós-Gerontologia*, 7 (1), 283-295. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2014v17i1p283-295>
- Veras, R. (2007) Fórum. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Introdução. *Cadernos de saúde pública*, 23 (10), 2463-2466. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007001000020>
- Vilhena, J., Novaes, J. V., Rosa, C. M. (2014) A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17 (2), 251-264. <https://doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>